

Perseguida pela Ginástica

Ilona Peuker, 1968.

O meu hobby se transformou em minha profissão...

E continua sendo meu hobby

PREFÁCIO

Este não é um livro, muito menos uma obra literária. O que eu vos ofereço com estas páginas, minhas queridas colaboradoras e alunas, é apenas uma simples conversa sobre uma pessoa ainda mais simples e do seu amor por sua profissão – Ginástica.

ANTECEDENTES

Desde a minha infância a dança e o esporte me fascinaram: tanto em apresentações de ballet, na Ópera de Budapeste, cidade onde nasci, como em espetáculos de dança clássica em teatros, eu era visita permanente. Mantinha-me na assistência, pois não ousava anunciar o meu ardente desejo de aprender dança, seria impossível obter a autorização de meus pais para tal fim. No entanto, me foi facultado praticar uma série de esportes como o tênis, a natação, a vela e a equitação.

Estas atividades me davam um grande prazer e cheguei mesmo a atingir um bom nível técnico nesses esportes. Em todos eles, no entanto, me faltava algo, algo que não sabia explicar, algo que ainda desconhecia em mim mesma.

Minha inquietude interior e meu temperamento estavam piorando dia a dia. Como solução para me tornar mais suportável, enviaram-me, nos anos seguintes a vários cursos de Educação Física. Acentuo com ênfase a palavra “vários”, pois a cada ano, persuadida por mim, minha mãe tinha que arranjar um novo curso, pois eu não gostava realmente de nenhum dos quais havia participado.

Já havia completado 14 anos quando aconteceu o milagre: finalmente encontrei “o grande desconhecido”. A menina irrequieta foi inscrita, para variar, em mais um curso. Agora, na Escola de Movimentos dirigida pela Professora Valeria Dienes. Naturalmente com pouca esperança de que gostasse daquele lugar, pois não sabia exatamente o que procurava e também não conseguia explicar porque os outros cursos não me tinham agradado.

Repentinamente, tudo havia mudado e, como um milagre, como um sonho, me encontrei com a alegria de finalmente ter encontrado aquilo que por tanto tempo procurava. Naturalmente, este fato provocou em mim uma série enorme de transformações. Não havia mais aquela sensação de inquietude pela busca de algo desconhecido, e de que tanto necessitava. Enfim, me sentia feliz! A criança levada e irrequieta se viu repentinamente transformada em uma aluna aplicada e estudiosa. Na casa paterna finalmente reinou a paz, que eu tanto atrapalhara.

Pela manhã, terminava o Clássico e à tarde, radiante, ia para a Escola de Movimentos – chamada “escola de arte dos movimentos”, pois, àquela época, o nome ginástica ainda era desconhecido na Hungria.

O meu estudo formal: Latim, Grego Antigo e Grego Moderno, Matemática e mais algumas delícias da espécie não conseguiam me empolgar de modo algum. Para ser sincera me entediava enormemente, coisa que não transparecia nos resultados de meus testes que eram sempre bons, muito mais pelo meu comportamento. Para horror de minha mãe, acontecia muitas vezes de os professores me pegarem lendo romances durante suas aulas, ou até mesmo dormindo durante alguma aula: a isto seguiam-se lições de moral que, mesmo hoje, não me impressionariam.

Com quase 18 anos terminei com a nota “muito bem” o meu curso Clássico e agora me encontrava diante da escolha de minha profissão.

Neste momento a paz que durara 4 anos encontrou-se novamente abalada; estávamos, como se poderia dizer, “em pé de guerra”. Meus pais estavam convencidos, certos mesmos, de que eu escolheria uma profissão aceitável, ainda mais por que ter passado na prova final com nota “muito bem”, o que me assegurava um lugar em qualquer universidade da Hungria. Queriam eles que eu seguisse Engenharia.

Em todos os anos anteriores eu não havia tocado uma vez sequer no assunto de meus planos futuros com meus pais, apesar de já ter tomado minhas decisões. Não queria trazer aborrecimentos prematuros a meus pais, pois para se formar em “Artes dos Movimentos” eram necessários, além da prova final do Clássico, mais quatro anos preparatórios.

Quando expus os meus desejos, o choque sofrido por meus pais foi enorme. Não queriam nem ouvir falar no assunto, pois achavam que eu poderia continuar praticando o curso como amadora e ao mesmo tempo estudar algo que a seu ver realmente me garantisse algum futuro.

Como eu não cedia de jeito algum, falaram com a Professora Doutora Dienes, que parece ter dito ser uma grande pena se me impedissem de cursar o que queria, pois previa que além das qualidades que já transpareciam ainda se escondiam em mim muitas outras coisas e que valeriam à pena serem descobertas. Tanto argumentei, muito falei e, finalmente, com enorme relutância, meus pais acabaram cedendo.

Hoje, 35 anos após, tenho que dizer ter sido a única vez na minha vida em que me opus aos meus pais, e tenho a certeza de que, apesar do caminho até hoje ter sido bem difícil, valeu a pena.

ANOS DE APERFEIÇOAMENTO

ESCOLA PROFESSORA DOUTORA VALERIA DIENES

Começaram os três maravilhosos anos de aperfeiçoamento, na realidade 7, contando os 4 anos preparatórios.

Havia muito para estudar. Pela manhã eram as aulas teóricas e à tarde as práticas. Muitas vezes ainda tínhamos demonstrações à noite, que, obviamente, deviam ser preparadas e ensaiadas.

As matérias eram

Teóricas: Metodologia; Sistemática; Geometria, Física, História, Fisiologia, Anatomia, Biologia, Teoria Musical; Acompanhamento do Movimento; Estudo do Movimento.

Práticas: Plástica, Dinâmica, Rítmica, Temática, Treino, Acrobacia, Composição, Movimento em Grupos, Pedagogia Prática, Música e Dança Folclórica.

Matar aulas era coisa em que nem se pensava, não somente porque o número de alunas raramente ultrapassava a dez, o que faria qualquer ausência facilmente notada, como também porque o número mínimo de faltas já representava a repetição de um ano inteiro.

Os professores mantinham um ritmo acelerado, pois eram obrigados a dar uma grande quantidade de matéria em tempo muito limitado. Para cumprir o programa e não atrasar toda a turma por causa de um ou dois elementos fracos, tivemos que fazer um “vestibular” tão difícil, que durante os anos de aperfeiçoamento só se necessitávamos aperfeiçoar estas matérias práticas.

Além das matérias obrigatórias, e para ajudar o nosso futuro trabalho, a Dr^a Dienes nos preparava como oradoras. Era com grande horror que a cada demonstração tínhamos que improvisar um pequeno ensaio oral com informações técnicas e lidar seguramente com aquilo que aprendíamos.

Minhas queridas colaboradoras e alunas, vocês podem imaginar esta situação tragicômica? No vestiário treinávamos a série a ser apresentada em palavras também, pois não sabíamos nunca antecipadamente, improvisando sempre, porém com perfeição, quem seria a vítima.

De repente aparecia a nossa tia Vali, com sua idade avançada (nós pensávamos que ela já tivesse 100 anos, o que não era verdade, pois só agora ela completará 92 anos¹), mas ainda de altiva figura e nos ordenava com sua voz firme e severa, contra a qual ninguém argumentava: “Ili, meu eterno apelido, vista sua túnica e fale durante 5 minutos sobre as possibilidades de variações dinâmicas durante o movimento de perfil fechado”. Eu me sentia perdida. No meio de público estavam os conhecidos, o namorado, os parentes, e eu tinha de cumprir este papel ingrato. Para o público o tema era de pouco interesse, de modo que enquanto uns dormiam e outros riam, eu, pessoalmente tremia e mudava de cores. Meses e

¹ NE: Este livro foi escrito em 1968 A Doutora Dienes Valeria veio a falecer em 1978.

anos mais tarde foi que percebemos o bem que nos fez este sofrimento, quando vimos que podíamos falar sem temor, não somente diante do público como também em conferências em colégios, para onde éramos mandadas freqüentemente nos últimos anos de estudo.

A Dr^a Dienes fazia realmente de tudo para nos preparar da melhor forma possível para a nossa carreira. Através de sua grande inteligência, ela conseguia nos transmitir as matérias teóricas de tal maneira que as transformávamos em apoio para as matérias práticas e vice-versa. Como um exemplo, citarei nossa aula de Música: era necessário saber ler as notas e ter o mínimo de dois anos de prática de piano.

Como Teoria, tínhamos no primeiro ano Teoria da Música e Estudo de Harmonia. Como Prática, ler as notas de músicas fáceis para o piano e saber os princípios fundamentais para o acompanhamento dos movimentos. No segundo ano aprendemos a improvisar e a acompanhar os movimentos. A princípio, nos era permitido acompanhar as aulas com músicas aprendidas, porém, mais tarde éramos obrigadas a improvisar. Duas vezes por semana diversas escolas eram convidadas a trabalharem conosco e nós tínhamos que dar aula e ao mesmo tempo acompanhar ao piano. Naturalmente, passou-se muito tempo até as aulas tornarem-se suportáveis.

Assim a teoria e a prática fundiam-se em um todo harmônico.

O fim do segundo ano se aproximava, isto é, despedida da escola Dienes. O terceiro ano era feito no Estado. A palavra despedida não foi bem empregada aqui, pois não deixamos de ser alunas da Dr^a Dienes, mas simplesmente terminamos o período de estudo em sua escola.

Porém, como foi de certa forma o término de uma belíssima época, não posso deixar de agradecer à Dr^a Dienes por tudo o que nos ensinou para o nosso futuro caminho, como pessoas, ginastas e pedagogas. Tive nesta senhora uma das personalidades de maior valor que já conheci até hoje. Uma grande conhecedora e condutora de pessoas, cuja personalidade facilmente se impunha e se fazia respeitar. Uma cientista: Doutora em Psicologia e Matemática, portadora de grandes prêmios da Universidade de Paris. Ainda hoje ela trabalha em seus livros científicos e técnicos em várias línguas. Apesar de sua idade avançada, sua presença de espírito continua a mesma.

CURSO NA UNIVERSIDADE

O terceiro ano no Estado foi mais divertido do que difícil, principalmente para nós, as 4 aulas da Professora Dienes, pois graças à tia Vali, estávamos otimamente preparadas. Naquele curso somente eram aceitas as que haviam passado nos exames finais dos anos de aperfeiçoamento, exames estes que eram organizados e supervisionados pelo Estado húngaro.

Os objetivos do curso eram:

- a) fazer mais um exame completo dos candidatos;

b) conceder um diploma que dava direito de ensinarmos em escolas particulares estaduais e autorizava-nos também a abrir nossa própria escola, naturalmente sem o direito de formar professoras.

Sem este diploma do Estado era proibido lecionar e mesmo dar aulas particulares. A fiscalização era muito severa e as multas muito altas e ninguém tinha coragem de ir contra este regulamento. Seria muito interessante citar os preços das aulas, eles eram tabelados, sendo fixadas quantias máximas e mínimas. Os locais de ensino eram controlados, uma vez por ano, para verificação de sua qualidade.

Agora, voltemos ao curso. Como disse anteriormente, este foi um ano de farra para nós: muitos colegas e professores novos (os professores deste curso não podiam lecionar em escolas de aperfeiçoamento). Para mim, pessoalmente, não era uma das melhores coisas o fato de não ter de esforçar. Restava-me tempo e energia para fazer bagunça coisa para a qual estava sempre pronta e achava colegas facilmente. Resultado: muitas vezes expulsavam-me de uma aula por causa do meu comportamento.

Apesar de tudo passei nos exames com menção honrosa e, para meu maior espanto, tirei as maiores notas dentre todos os meus colegas. Por esta razão, recebi meu diploma diretamente das mãos do Ministro da Cultura da Hungria. Eu me senti muito mal neste papel. Havia muita alegria, mas ao mesmo tempo me senti envergonhada de ser destacada entre colegas que certamente sabiam tanto quanto eu. Não gosto de lembrar este episódio, porém para uma coisa ele foi bom, pois me senti ainda mais obrigada a trabalhar em minha tese sobre: "Desenvolvimento do Sistema Dienes", pelo qual recebi grandes elogios e algumas ofertas de trabalho.

Apesar do diploma, elogios e glórias alcançadas eu me sentia semi-alfabetizada no campo profissional. Todo novo assunto técnico animava minha fantasia. Fiz parte de vários cursos com os maiores destaques da dança na época: Rudolf Laban, Dalcroz, Dencant; estive meio ano no Cairo aprendendo movimento egípcio, e fiz estreita amizade com o ballet e a acrobacia.

Nos meus anos de juventude vi e aprendi muito. Saber? Ainda não sabia nada! Primeiramente, tinha que executar o aprendido, experimentar na prática.

INDEPENDÊNCIA PRÓPRIA

Com estudo na cabeça e nos membros, comecei a dar aulas. O primeiro ano, na casa paterna, lugar tinha bastante, apesar dos cursos estarem movimentados (crianças, moças e senhoras), porém com o tempo, compreensivelmente, meus pais perderam a paciência, pois eu desarrumava totalmente o salão, várias vezes por semana, e, para o cúmulo, ainda promovia demonstrações. Com muito jeito me foi comunicado para procurar um salão, mesmo às custas de meu pai.

Dessa vez também tive muita sorte: parece-me que não só eu gosto de ginástica, como ela também simpatiza comigo. As dificuldades logo foram postas de lado e tudo se arrumou muito bem. Uma das minhas colegas possuía bem no Centro de Budapeste, um salão de ginástica, muito bem aparelhado, que queria vender. Eu logo o peguei. Não me dava muito prazer pensar nos gastos que uma escola dessas traria consigo, pois havia decidido recusar ajuda monetária de meu pai e me virar como pudesse.

Bem, eu sempre tive uma cabeça bem dura, e como tanto a minha família como meus conhecidos consideravam tudo isso, inclusive fundar uma escola, uma brincadeira passageira, eu quis provar que eu estava levando a coisa a sério.

Que milagre! A escola ia sempre para frente e eu estava radiante. Fazíamos demonstrações, das quais eu também tomava parte junto com minhas alunas ou mesmo individualmente. Além disso, havia mensalmente apresentações internas. A escola brotava, era simplesmente moda fazer ginástica comigo, fazia parte do bom tom da Budapeste de então.

Então perguntei a mim mesma: porque esta escola está indo bem? Sou eu uma professora tão boa? Não é possível! Nenhuma professora recém-formada ganha na corrida a uma professora experiente. Comecei a pensar e a incerteza ficava cada vez maior. Talvez não seja eu quem está trabalhando com sucesso, mas sim o nome da minha família que esteja influenciando e atraindo a clientela.

Mas, antes de deixar que esse sentimento pudesse criar raiz e perturbar meu trabalho futuro, o destino resolveu meu problema.

Após seis anos de existência e sucesso da escola, o rumo da minha vida mudou via Tulln (Áustria), para Breitenberg (Alemanha).

Nas últimas semanas antes da minha partida naturalmente não havia mais aulas por causa dos constantes ataques aéreos, mas eu não poderia imaginar que jamais veria a minha tão amada escola novamente. Deixei todas as instalações, documentos, reportagens nos lugares, de tal maneira como se fosse retornar em algumas semanas.

O destino não quis assim. Doeu-me muito saber ter perdido a obra da minha juventude, porém, hoje, me pergunto: "- Você teria podido algum dia se tornar a "Frau Professor Peuker" ou a Dona Ilona?" Isto foi o que tive que sacrificar para sê-lo.

BREITENBERG

Um pequeno vilarejo nas florestas da Baviera, maravilhosamente situado com campos, florestas e lagos românticos. Uma paisagem idílica, ideal para sonhar, mas infelizmente a época não era para sonhos. Eram os piores meses e semanas do após-guerra. Não se devia ficar sem fazer nada, mas sim fazer algo. Aí, pensei, aliás, como sempre, em meu trabalho.

Mas com quem? Aonde? Só havia fazendas, e umas muito distantes das outras. Quem iria tomar parte? Onde poderia dar aulas?

O Natal se aproximava. Quem sabe, pensei, não seria possível encenar peças natalinas com as crianças da região? Não se poderia talvez fazer a demonstração na igreja, mesmo onde cada domingo todos se reuniam e onde havia um órgão à disposição? Falei com o padre da cidade, que ficou muito entusiasmado. Depois da missa ele anunciou a idéia e todas as crianças que quiseram participar foram convocadas a aparecer nos ensaios na escola. Mais de 60 crianças se reuniram. Formei pequenos grupos, que com simples movimentos de ginástica, e até com arcos feitos por nós mesmos, interpretaram o papel de anjos, pastores etc., fazendo uma espécie de peça de Natal.

Meu irmão foi meu ajudante técnico em matéria de iluminação e decoração do palco. Foi um enorme sucesso e até o Carnaval tivemos que repetir a peça regularmente. Depois começamos com peças para o Carnaval que perduraram até o Natal seguinte.

Como nessa época o dinheiro nada valia, meu trabalho era pago com as então valorosas, moedas: manteiga, ovos e diversos outros mantimentos. Anos mais tarde me referia a estes cursos como "cursos manteiga".

Graças a Deus, após 4 anos de alistamento e separação, meu marido, Emil Peuker, voltou são e salvo para junto de nós. Terminaram então os "cursos manteiga" e voltamos para a Áustria.

TULLN

Estávamos no ano de 1948. Continuávamos nos duros tempos de após-guerra. As pessoas ainda se encontravam sob o impacto da tristeza e do luto. Algum tempo levou até que cada um pudesse reorganizar o seu trabalho, reconstruir a sua existência e retornar à rotinas de suas vidas.

Assim aconteceu igualmente na pequena cidade austríaca de Tulln, situada a 23 quilômetros de Viena, e assim também aconteceu comigo. Como eu fui uma das poucas pessoas com a sorte de só ter danos materiais, não perdendo ninguém da família, pouco demorou para que começasse a sentir falta da ginástica. Havia em Tulln uma associação de ginástica que era filiada à maior entidade de esportes, a Turn und Sport Union Austríaca. Eu criei coragem pedi uma entrevista com o presidente e me ofereci para dar cursos de ginástica para crianças. Minha oferta foi recebida com muito interesse e simpatia. Assim, comecei com os meus cursos para crianças em Tulln, nos quais a minha filha Anita, então com 4 anos, já tomava parte. Logo após vieram os cursos para moças e senhoras.

Bem, eu não pude agüentar muito e tudo aconteceu novamente: após alguns meses de aula não consegui mais ficar entre 4 grandes paredes do espaço de treinamento e organizei uma demonstração. Esta foi realizada no único palco grande existente em Tulln, no cinema, e

obtivemos um enorme sucesso. Já uma semana antes da demonstração foi necessário anunciar a sua repetição, pois as entradas para a primeira já se encontravam esgotadas.

A estas se seguiram outras apresentações, sempre com o mesmo sucesso. Eu, naturalmente, estava satisfeita. Mas, hoje, eu descreveria estas apresentações como bonitinhas, com movimentos que agradavam tanto ao público como às componentes da equipe, mas, no fundo, não eram grandes coisas.

VIENA

No ano de 1950 mudamos para Viena. Desta vez tudo aconteceu diferente dos anos passados. Não era eu que agarrava à ginástica, mas sim ela que não me queria deixar. A minha carreira começou na Áustria, com um pequeno episódio: em Viena eu queria continuar o meu esporte preferido, o ténis. Fui a Tulln Und Sport Union perguntar onde havia melhores possibilidades para isto. Lá me reconheceram da seguinte maneira: “A senhora mora agora permanentemente em Viena? Nós já andávamos esperando por isto. Um momento, por favor”. Imediatamente, apareceu o presidente da entidade. Eu o reconheci a minha história do ténis, mas sem consideração nenhuma, não me ouvindo nem sequer me deixando terminar, perguntou: “- A senhora treinaria a nossa equipe selecionada de aparelhos²?” Quase fiquei sem voz, e a custo consegui argumentar com os dois senhores de que agiam sem pensar ao me dar um cargo tão importante, sem ao menos conhecerem meu trabalho. “Mas é claro que o conhecemos, e até muito bem!”, disseram eles: “Todas as suas demonstrações em Tulln foram atentamente observadas por nós; é justamente o tipo de trabalho de que necessitamos. É tempo de substituímos na ginástica feminina os movimentos masculinos por movimentos femininos, harmônicos e rítmicos”.

Pouco depois fui incumbida oficialmente do treinamento da equipe selecionada de Viena. Enchi-me de coragem e comecei o meu trabalho. Foi um grande prazer observar como a equipe, em princípio muito desconfiada, tornava-se dia-a-dia mais segura: como, sob um treino intenso seus rendimentos aumentavam constantemente; e como, em breve, todas acreditavam e depositavam suas esperanças em mim.

Além do aumento enorme do nível de rendimento, considerava-se um milagre na associação o fato de eu ter transformado aquela equipe indisciplinada, cuja terrível fama era conhecida em todo o país, em uma equipe exemplar e muito disciplinada.

Após um mês de treino intenso e de grande trabalho para mim – tive que refazer todos os movimentos de aparelhos, pois os antigos já estavam ultrapassados e não se adaptavam individualmente àquelas ginastas –, realizaram-se os campeonatos estaduais. Nós alcançamos um sucesso ali nunca obtido. Já então, os outros estados também me queriam para si. Como eu era apoiada pela Turn und Sport Union Austríaca, esta disputa não me afetava, não me dando dor de cabeça nem crise de nervos. Deixei que as grandes associações e a Confederação brigassem e resolvessem o que fariam comigo. E isto eles fizeram.

² NE: Antes conhecida como Ginástica Olímpica, hoje como Ginástica Artística.

A Union não me largou, escolhendo-me como treinadora de todas as suas sedes, não só em Viena como em todos os outros estados austríacos e ainda como diretora técnica da equipe nacional e olímpica. Com todos estes deveres, começou a minha maratona. A semana inteira em Viena e nos finais de semana ou feriados nos outros estados, para onde a equipe nacional era deslocada e concentrada. Além disso, havia ainda, coisa muito comum na Europa, os diversos campeonatos europeus, os campeonatos mundiais e como coroação: a Olimpíada.

Nos meus poucos intervalos livres, tive que me formar como juíza, o que significava que eu tinha o prazer de além de assistir aos monótonos cursos para árbitros, de julgar constantemente.

Hoje em dia gosto de me lembrar de todo aquele trabalho e de todas aquelas viagens, porém, na época, por vezes, era demais para mim, eu ficava desanimada quando tinha que fazer alguma viagem.

A minha maior tristeza nisto tudo consistia em ter que abandonar o trabalho com as crianças, para o qual já não sobrava tempo algum.

Naturalmente não traí a minha ginástica moderna³. Paralelamente com a ginástica de aparelhos, eu chefiava a equipe de ginástica moderna da Union.

Como os austríacos já possuíam uma boa base em ginástica e tinham uma boa coordenação e controle muscular, graças à educação física básica, o Turnen, a ascensão foi rápida e de grande sucesso. Nesta disciplina eu só trabalhava com a elite, pois o trabalho preparatório era feito pelas associações, suas dirigentes eram instruídas me orientadas por mim.

Seria monótono demais enumerar todos os cursos, congressos, encontros nacionais e internacionais dos quais participamos, de forma que só contarei alguns acontecimentos que mais se fixaram em minha memória.

Em 1951, Trude Kolar, uma de minhas ginastas, sagrou-se campeã em argolas no campeonato mundial realizado em Basel⁴. Posteriormente, este aparelho foi retirado dos campeonatos, pois as mulheres só poderiam competir em 4 aparelhos, tendo-se que eliminar um.

Tanto o curso de Ernst Idla na Suíça (Maglingen), como o de Rudolf Bode, na Alemanha, ambos realizados em 1951, foram de grande interesse e muito instrutivos para mim.

No ano de 1952, sobressaíram-se o Campeonato Internacional de Ginástica, na Holanda e a Olimpíada.

³ NE: Hoje chamada Ginástica Rítmica Desportiva

⁴ Basileia, Suíça.

CAMPEONATO INTERNACIONAL DE GINÁSTICA – HAGA

A Áustria se inscreveu neste campeonato e eu fiquei incumbida de treinar e preparar a equipe da Union. Não de sentia muito à vontade por me terem escolhido para um posto tão honroso e ao mesmo tempo de tanta responsabilidade, sem ao menos terem feito um campeonato nacional. Compreensivelmente, minhas colegas de profissão se irritaram com a resolução da Confederação e começaram a me atacar. Bem, nenhuma carreira se compõe somente de dias agradáveis, e eu tive que lutar bastante, e talvez, se a maior associação austríaca de ginástica, Turn und Sport Union, não me tivesse apoiado, depositando em mim toda a sua esperança e confiança, eu talvez não tivesse reunido coragem e força o bastante para agüentar aquela situação. Nos dias seguintes, seguindo um conselho da Union, eu sugeri à Confederação a realização de um campeonato nacional, cujos resultados indicariam a melhor equipe austríaca, que então representaria o país na Holanda. Fiz isto para manter a minha reputação e para provar que a Confederação não havia me escolhido cegamente, e, principalmente, a equipe da Union como sendo a melhor equipe austríaca.

Esforcei-me para mostrar algo de bom, porém por mais estranho que pareça teria preferido que uma outra equipe tivesse sido escolhida, pois o meu medo de uma humilhação era maior do que a alegria de poder tomar parte em tal campeonato. O meu temor de uma derrota tinha sua razão de ser pelo fato da equipe austríaca ter mais ou menos alugado o último lugar nos campeonatos internacionais havia tempo.

Parecia-me impossível ser eu a pessoa adequada a modificar a situação. Porque teria eu que suportar tal incumbência?

Então a Confederação organizou o campeonato nacional e a equipe da Union ganhou o primeiro lugar.

De consciência tranqüila, mas sem muita esperança partimos nós, 8 ginastas louras e bem proporcionadas, o dirigente da delegação, 2 discos e eu rumo a Holanda; com exercícios de 1 bola e sem aparelhos.

Desse campeonato participaram doze nações, com 45 equipes. No dia da nossa competição tivemos a primeira colocação, o que já representava muito, mas ainda não queria dizer nada em relação à vitória final. Somente na noite seguinte terminaram as competições e o milagre aconteceu: a Áustria ficou colocada em primeiro lugar!

Quando me lembro destes acontecimentos sinto muito não ser uma escritora para poder descrever com fidelidade os momentos de felicidade transbordante que aquela vitória trouxe!

Durante o encerramento, no estádio, a equipe austríaca campeã repetiu a série, e em sua homenagem foi entoado o hino nacional austríaco. A seguir vieram discursos do nosso embaixador e dos dirigentes holandeses, e para minha grande surpresa, o embaixador me

dirigiu algumas palavras em húngaro, cujos conhecimentos ele adquirira como diplomata em Budapeste.

Como coroação, nos esperavam em Viena toda a direção da Union, encabeçada pelo presidente, que pessoalmente me agradeceu em nome da Áustria e da Union.

Deste este acontecimento o meu caminho na Áustria foi sempre acompanhado de muito sucesso.

OLIMPIADA DE HELSINKI – 1952

Grandes preparativos, incessantes campeonatos nacionais e internacionais, tudo com um único objetivo: melhorar as séries olímpicas.

Em Helsinqui, pela última vez na história das Olimpíadas, as equipes de ginástica seriam compostas por oito ginastas que competiriam ao mesmo tempo em 8 aparelhos e em conjunto.

Como série de conjunto foi escolhida, pela Áustria, em uníssono, o exercício com bolas, com o qual tínhamos sido vitoriosas na Holanda, mas só que desta vez deveríamos participar também com uma equipe de ginastas de aparelhos. É uma grande diferença quando se trabalha com uma equipe de ginastas que estão sincronizadas e que se adaptam uma à outra ou quando se trabalha com uma equipe de ginastas de aparelhos, que são competidoras individuais e que não se preocupam nem um pouco ou talvez muito pouco com as suas colegas.

O meu trabalho era ensinar a série; o aprimoramento ficou com uma colega. Ela com certeza fez o melhor que pode, mas, quando mais tarde, me exibiram a série, eu mal a reconheci. Os dirigentes ficaram alarmados e resolveram concentrar as ginastas em Bad Ischl para um período intensivo sob a minha direção. Lá passamos 10 dias treinando dia e noite a terrível série. Creio que nem preciso dizer que já quase não agüentávamos ver os exercícios nem ouvir a música da série, mas, como prêmio, conseguimos alcançar um nível satisfatório. Este acontecimento veio a me convencer que ginastas de individuais e de solo e ginastas de grupo, mesmo sendo todas de nível elevado, não combinam.

Este mesmo ponto de vista, eu defendi nas reuniões técnicas pré-olímpicas, para as quais fui enviada como delegada da Áustria. A mesma opinião foi defendida por outras nações. Aquelas que melhores notas conseguiram nos exercícios de aparelhos fracassaram totalmente nos exercícios de equipe, e vice-versa. Apesar de eu não gostar da série, conseguimos o 2º lugar; ficamos atrás apenas das suecas, compensando assim os pontos que tínhamos perdido em aparelhos.

Quero voltar rapidamente às reuniões pré-olímpicas para enumerar alguns fatos que não são totalmente desinteressantes para a evolução atual da Ginástica Moderna e de Aparelhos⁵.

Lá estavam sentados, sem planejamento algum, os dois blocos, oriental e ocidental, cuidadosamente separados em dois grupos, como torcedores de duas equipes distintas de futebol, que não confiavam uma na outra. O ambiente era solene e ao mesmo tempo cômico. Não sei como tive coragem, sendo uma das mais jovens delegadas, de defender com tanta energia a minha opinião. Eu lutava principalmente por duas coisas:

- 1) competir em ginástica de aparelhos e em ginástica de equipe, com duas equipes distintas;
- 2) acompanhar exercícios de solo com música.

O primeiro item teve uma repercussão imediata, pois o COI⁶ já pensava em uma diminuição dos campeonatos de ginástica de aparelhos, o segundo foi negado. Mas, não por muito tempo. Em Roma, na segunda Olimpíada depois de Helsinqui, o acompanhamento musical na série de solo passou a ser obrigatório, e hoje em dia impossível de ser rejeitado. Creio que não levará muito tempo até que os exercícios de traves também sejam acompanhados por música. Muitos países já os treinam hoje desta maneira.

Helsinqui recebeu o nome de "olimpíada dos records", pela quantidade deles que foram obtidos. Foi uma competição emocionante, fantástica e revolucionária. Pela primeira vez, os russos participavam de uma Olimpíada e pela primeira vez após a Guerra, os alemães puderam participar de um encontro internacional.

Não somente os atletas tinham o que fazer, mas também os dirigentes. As finanças dos diversos países estavam bem abaladas, de modo que economizavam muito com as delegações. Eu, por exemplo, tinha que me incumbir de três tarefas diferentes como:

- 1) delegada austríaca, nas reuniões;
- 2) juíza, nos exercícios de solo; e
- 3) técnica, treinando minha equipe entre portas cerradas.

E os jogos olímpicos chegaram ao fim. Enriquecida por muitas experiências novas, aterrissamos na Áustria, onde meu marido me esperava no aeroporto com uma bombástica notícia: em setembro, isto é, no mês seguinte, ele embarcaria para o Brasil.

Caí então duas vezes do céu. Uma de avião e outra com os meus sentimentos. Eu amava a Áustria e lá havia conseguido muita coisa na minha carreira. As portas estavam abertas para mim e eu devia dizer adeus a tudo isso e partir para um país estranho, cuja língua desconhecia totalmente.

Como planejado, meu marido partiu e eu fiquei mais nove meses com as crianças na Áustria. Durante este período, minha vida profissional continuou florescendo e com muitas novidades.

⁵ NE: Respectivamente Ginástica Rítmica Desportiva e Ginástica Artística.

⁶ Comitê Olímpico Internacional.

Neste período, fizemos parte da "Gymnaestrada", em Roterdan, no ano de 1953, participamos com a equipe austríaca da Union.

Como vocês, minhas queridas brasileirinhas, participaram das duas Gymnaestradas posteriores, creio que se interessariam em saber como foi a primeira.

Quando recebemos o convite da Holanda, o meu presidente me perguntou se eu sabia o que era aquilo. Eu não tinha a mínima idéia. Assim acontecia também com as minhas colegas estrangeiras. Nós não sabíamos se era para mostrar Ginástica Moderna ou ginástica de aparelhos, se era para equipes masculinas ou femininas. Enfim, não tínhamos a mínima idéia.

Graças a Deus, os dirigentes austríacos sempre estavam a favor de uma participação ativa e não de uma observação passiva. De modo que resolveram participar com uma equipe e escolheram a equipe da Union para representar a Áustria nesta 1º Gymnaestrada. Assim fizeram também outros 14 países europeus e a Gymnaestrada contou com cinco mil participantes.

O holandês Iohann H. F. Sommer, fundador da Gymnaestrada, não imaginava que sua idéia de organizar um encontro mundial de ginastas, no qual cada país participante apresentasse o que de melhor qualidade tivesse em ginástica, encontrasse tanto apoio e fosse colher tanto sucesso.

Como em todas as outras viagens em grupo, também aqui não deixariam de acontecer situações cômicas. Como exemplo, temos o acontecimento emocionante do desfile das Nações, durante o qual a nossa porta-bandeira esteve prestes a perder as calças, cujo elástico havia arrebentado. Para se precaver ela passou a bandeira rapidamente a uma das colegas, correu para a uma das casas particulares mais próximas, fixou a parte da indumentária que queria abandoná-la e, correndo atrás da equipe, concluiu o seu orgulhoso papel.

Apesar de muito esforço, a organização do evento deixou muito a desejar, principalmente, no que dizia respeito à condução e ao alojamento.

Nesta viagem tivemos uma série de complicações. Começou em Colônia, onde nosso trem teve uma parada de 20 minutos. Na partida nos faltava uma moça, Tilde. Grande nervosismo, pois tínhamos de atravessar a fronteira e ela tinha seu passaporte conosco. Telefonamos e telegrafamos para a fronteira, por sorte o uniforme serviu, de um certo modo, como uma identificação. Ela chegou depois alegre e sorridente, no trem que partiu meio dia depois do nosso. A "coitadinha" só queria comprar "água de Colônia" e quando voltou o trem já havia partido. Naturalmente, recebeu a sua "chuva" merecida. Porém, em Roterdam, ela deu o troco as suas colegas, com sua dedicação e serviços prestados. Em relação ao problema da condução, por exemplo, nós que já estávamos cansadas de andar de bonde, pois para o táxi não queríamos gastar dinheiro, contamos com a ajuda de Tilde. Ela resolveu o assunto: separou-se do grupo, plantou-se na rua e acenou sorridente para os carros que passavam. Como era muito bonitinha, logo parou um rapaz que a convidou a entrar; ela aceitou, pedindo

para o cavalheiro aguardar um momentinho. Imediatamente, chamou todas as outras e, para horror do jovem, em vez de passear com uma linda pequena, teve que levar 8 moças de uniforme azul claro, com arco e tudo, para o alojamento.

Porém estas pequenas faltas foram ofuscadas pelo brilhantismo da Gymnaestrada e a todas nós ficou a lembrança de um belíssimo acontecimento.

Minhas últimas semanas na Europa foram repletas de cursos, pois todos os estados em que já havia trabalhado manifestaram o desejo de me ter consigo antes de partir. Aceitei os convites, de todo o coração, não somente porque queria rever a todos, mas, também, para que me sobrasse menos tempo para pensar em minha situação entristecedora.

As malas estavam prontas e foram enviadas para a Itália para serem colocadas em um navio enquanto fui dar um curso de 10 dias em Vorarlberg.

De volta a Viena, fui convidada para uma reunião informal na Union, que devia ser realizada em um dos mais bonitos restaurantes com parques existentes na cidade. Fiquei muito contente com este gesto, principalmente porque me reuniria novamente com o "meu" pessoal.

Grande foi a minha surpresa quando fui conduzida ao salão de recepções, onde não somente se encontravam os dirigentes de Viena, como também os representantes de todos os outros estados. Admirava-me e, ao mesmo tempo fiquei desconfiada pelo fato de eu não ver nenhuma de minhas ginastas da equipe, que por causa do sucesso com as bolas, receberam o apelido de "damas das bolas", nem das ginastas de solo.

Após uma agradável hora de cocktail fui encaminhada ao Restaurante-Parque, onde para esta ocasião foi construído um grande tablado. Eu não sabia o que queria dizer tudo aquilo, um show talvez? Veio então a mais bonita surpresa. Tanto as ginastas de grupo, como as de aparelhos apresentaram todas as séries de maior sucesso elaboradas por mim, de modo que pude observar de uma forma concentrada o meu trabalho realizado na Áustria. A isto se seguiu um banquete com os dirigentes e ginastas. Éramos mais de 100 pessoas. Tudo decorria alegremente até que vieram os discursos. Estes me tocaram o coração e me fizeram aflorar uma emoção muito forte. A coroação da noite foi o discurso do nosso presidente. Ele relatou o meu caminho profissional na Áustria, desde o primeiro passo até aquele momento, procurando transmitir o seu agradecimento e reconhecimento pelo que havia feito. Tive que me segurar muito para não abri o berreiro. Eu tinha muita pena de mim, a impressão de estar defronte da minha sepultura e de ser enterrada viva.

Assim terminou a Frau Professor Peuker sem imaginar que ela ressuscitaria um dia, como Dona Ilona.

BRASIL – 1953

Com o firme propósito de dar fim à minha carreira, aterrissei no Brasil. Minha depressão era demasiadamente grande para fazer novos planos. As lembranças dos grandes, se bem que duramente conquistados sucessos, ainda estava próxima demais. Eu queria paz e não ouvir mais nada sobre ginástica.

Porém, tudo veio diferente do que esperava. Após algumas semanas de estada no Brasil, já estava novamente metida na minha profissão. Pelo MEC foi organizado em curso do qual tomariam parte professoras de Educação Física de todos os estados.

Na realidade não era de se invejar, dar aulas de manhã e à tarde, em um calor escaldante, e ainda por cima o meu total desconhecimento da língua portuguesa. Apesar de todas estas dificuldades o trabalho me interessou. Era uma coisa totalmente nova e emocionante para mim. Eu chegava a uma terra nova, virgem em questão de ginástica, ainda não estragada, onde não se falava de uma mudança de escola, mas sim da introdução da Ginástica Moderna. Eu simpatizei logo com o modo de ser das pessoas. O seu ânimo, o seu interesse e não menos a sua gentileza, que demonstravam durante o trabalho, muito me agradava.

Logo tive a impressão de que elas tinham interesse no curso, que gostavam de participar e que aprendiam algo dele. A minha impressão era, como vim a saber mais tarde, quase certa. Sim elas o faziam com prazer e interesse e não menos interesse, mas se aprenderam alguma coisa, na minha opinião, relativamente pouco.

Resolvi prosseguir, sistematicamente, sem pressa exagerada. Isto é, o meu objetivo seguinte, além de estudar as qualidades das brasileiras, formar um grupo de ajudantes, que teriam a capacidade de defender e melhorar a ginástica no país. Tudo isso parece ser muito fácil e poderia até pensar-se que em alguns meses se consegue isso com pessoas jeitosas. Porém alguém que entende de ginástica sabe que isso é impossível. As ajudantes e colaboradoras tem que seguir por um caminho longo e árduo, mesmo quando com muito talento. Ela tem que ser uma boa executante, para que sinta em seu próprio corpo a técnica do movimento e entenda o seu sentido e sua finalidade, além de ter que possuir um talento pedagógico para que possa transmitir certo e bem o aprendido.

Hoje quando escrevo estas linhas posso dizer com orgulho que o Brasil já possui excelentes professoras de ginástica que com seu profundo conhecimento técnico e com seu trabalho inexaurível, difundiram e aperfeiçoaram a Ginástica Moderna no país. A maioria é composta de professoras do Estado e de escolas particulares, que dão cursos no Rio, e, sob convite nos outros estados. Algumas possuem grupos para demonstrações, quando mostram o sucesso de seu trabalho. Elaboram as próprias séries que são apresentadas nos campeonatos estaduais anuais, e com elas não só mostram seu bom trabalho, como também dão as suas colegas um estímulo e uma matéria de treino sistemático e bem elaborado.

Atualmente, elas são ginastas ativas que demonstram no país e no exterior, o alto nível da Ginástica Moderna por nós conseguido no Brasil. Quero agora voltar atrás e lembrar como conseguimos tudo isso.

Foi um caminho repleto de alegria e tristeza, de amigos e de inimigos, uma batalha silenciosa, mas renhida. O processo, bem elaborado, deveria possuir três fases:

1. despertar o interesse;
2. implantar;
3. difundir.

Da primeira fase é que eu tinha mais medo, pois quando não se consegue despertar o interesse, podemos guardar o resto. Eu não tinha a meu dispor nenhum meio de propaganda, isto é, não possuía nenhum grupo que pudesse demonstrar o que era a Ginástica Moderna, o que se pode alcançar com ela. Com palavras bonitas eu não podia atrair as pessoas, não só porque não as conhecia em português, como porque sou da opinião de que se deve demonstrar o valor de um trabalho com fatos. Tentei começar, entretanto, pelo único meio que possuía, através de cursos para atrair a atenção das pessoas e despertar o seu interesse. Muitas vezes deu certo. Eu não quero parecer pretensiosa ao pensar que eu tinha despertado o interesse por meio de aulas bem dadas e bem planejadas, o atribuo ao fato de as brasileiras encararem tudo, por natureza, positivamente. Elas gostam do que é novo e não se prendem a tradições. Deixam que se lhes mostrem coisas novas e só então decidem se as aceitam ou não. A primeira fase foi alcançada com sucesso: o interesse foi despertado!

Agora, chegamos à segunda fase: a implantação da Ginástica Moderna. Aqui eu tive que usar toda a minha força. Por vezes me parecia que iria sucumbir sob um peso tão grande. Ainda não tinha nenhuma assistente, o que não seria possível em tão pouco tempo, de modo que tinha que enfrentar tudo sozinha. Aqui no Rio eu tinha que dar 8 cursos, tendo que interrompê-los de vez em quando para aceitar convites dos outros estados.

Paralelamente, eu seguia cegamente o meu principal objetivo, o de formar um grupo de ajudantes para com ele, de mãos dadas, atingir o meu objetivo. Estava sempre ciente de que um controle monopolizado não me traria nenhum sucesso, principalmente, em um país tão grande como o Brasil. Para formar minhas ajudantes abri um curso, onde qualquer participante de algum dos meus cursos ou alguma amiga que indicasse poderia se inscrever, e onde eu teria a possibilidade de examinar minuciosamente se realmente teria as qualidades para um trabalho superior, se teria paciência e amor para isto. Estes cursos foram, e são até hoje, muito exclusivos. Nunca foi feita uma propaganda aberta, para me proteger de um desvio de meu ideal; para não desagregar, tornando-se um instituto de beleza ou de emagrecimento.

Em tempo relativamente curto, já tinha chegado a ponto de não mais dar cursos em outros estados sozinha, levava uma assistente. A mim facilitava muito e as assistentes aprendiam bastante com isto, sendo o resultado proveitoso para ambas. Agora, nos aproximávamos da 3ª fase: a difusão – o caminho mais marcante e de maior sucesso para se conseguir um rápido

avanço no trabalho de difusão é mostrar a matéria trabalhada, organizar demonstrações. Isto nós fizemos após o primeiro ano de curso, no dia 25 de novembro de 1954, às 20h30, no Colégio Bennett com grande sucesso junto ao público e à imprensa. Nessa apresentação não foram incluídas as séries realizadas nos cursos desenvolvidos durante o ano. Desta primeira demonstração fizeram parte: Regina, Maria Emília, Silvia, Mary, Ingrid, Chiquita, Dagmar, Maria Emília Marchesini, Gracinha, Yvone, Stella, Sonia e Daisy. A esta apresentação seguiram-se vários convites para o Rio e outros estados. Novos e bons elementos surgiram e a possibilidade de selecionar as ginastas crescia.

No ano de 1956 já tínhamos chegado a tal ponto que eu queria, de consciência tranqüila, tomar parte com a equipe brasileira no Campeonato Internacional de Ginástica, a ser realizado na Áustria. Fundamos ainda neste ano o GUG⁷, que é o nosso grupo de elite atual. Nosso plano para esta viagem ao exterior falhou por causa do dinheiro, ou talvez, pela falta de confiança em nosso nível técnico. A viagem não deu em nada, porém o trabalho preparatório teve uma influência positiva sobre nós. Melhoramos tecnicamente e as autoridades ficaram atentas e interessadas pelo que demonstramos.

No ano seguinte, em 1957, após 38 demonstrações no Brasil, por milagre, depois de muita correria e aborrecimentos, fomos enviadas pelo MEC⁸ à II Gymnaestrada, em Zagreb, Iugoslávia, e sob convite da Áustria, fomos para Viena, Tulln e Krems.

II GYMNAESTRADA – ZAGREB – IUGOSLÁVIA

Tenho novamente pena de não ser escritora e de não poder descrever como gostaria os dias inesquecíveis passados na Europa. O sucesso das brasileiras foi indescritível, a caça da imprensa e dos cinegrafistas atrás da nossa equipe, o trabalho da polícia que tinha de nos proteger da multidão que exigia os nossos autógrafos.

Eu nunca esquecerei a estupefação e ao mesmo tempo o susto nos olhos das minhas “belezinhas” ao verem, logo após o nosso primeiro treino, a fila de pessoas no guichê do teatro comprando entradas para a nossa demonstração, quantidade que só haviam visto em jogos de futebol. Nunca esquecerei da nossa nação ter a honra de ser a única a repetir seu programa 4 vezes, como não esquecerei também de que, atendendo a meu convite, o Professor Bode foi com sua assistente ao nosso alojamento, a fim de proporcionar ao meu grupo uma curta aula de movimentos, e, ainda, de ser a única pessoa, além das previstas, a ser convidada à recepção oferecida pelo embaixador austríaco.

Uma grande quantidade de situações estranhas e gozadas ficarão na memória. Como, por exemplo, as bolsas brocadas, o reencontro em Schwarzach; Mary, com seus olhos japoneses repentinamente redondos; Chiquita que diziam não ter espírito de grupo; nosso colega de chapéu e sapato alto; nossa inesquecível bandeira nacional para edifícios, emprestada em Roma, como qual a Lia quase saiu voando como Ícaro, no desfile inaugural; os cabelos

⁷ Grupo Unido de Ginastas.

⁸ Ministério da Educação e Cultura.

pretos, recém-pintados da Ingrid e a pele morena da Judit, cujas cores se diluíam durante enorme temporal que desabou sobre as atletas e que lhes deu um pitoresco aspecto de zebra; o "interview" proibido pela imprensa e depois a finalmente autorizada entrevista na rádio de Zagreb, para Viena; as sensacionais pias do alojamento e a diversidade dos elementos que as utilizavam; a espetacular roupa de folclore brasileiro para o "czardas", como a antiga do "Meu Brasil", que a Luíza acompanhava com movimentos humorísticos; e, finalmente, o "Heuringen", em Viena.

Ah! Que tempos!

Nossa equipe: Lia, Guni, Ingrid, Mary, Chiquita, Sônia, Anita, Graça, Judit, Ilona e Luíza.

Programa: Sem aparelhos, coco e duas bolas (fomos o primeiro país a se apresentar com duas bolas em toda a história da Ginástica Moderna) sendo que tive certo medo de que as outras nações o julgassem malabarismo. O enorme sucesso obtido, entretanto, me incentivou, mais tarde, a iniciar um trabalho com dois arcos.

Retornamos do exterior com grande orgulho e cabeças erguidas. Rapidamente porém nossas cabeças se abaixaram e o nosso orgulho foi trancado nas gavetas, pois apesar de ninguém duvidas daquilo que os jornais estrangeiros traziam, fomos ignoradas completamente no Brasil, principalmente na Guanabara.

Os meses seguintes foram a época decisiva na vida do GUG e talvez também da continuação do desenvolvimento da Ginástica Moderna no Brasil. É necessário dizer que os salvadores foram alguns fiéis elementos do GUG, pois eu, pessoalmente, estava me afogando. Como foram estes meses cruciais? Nós vivíamos fortificadas e animadas pelo reconhecimento do nosso trabalho no exterior, tentando esquecer o fato de sermos ignoradas no país. Como conseqüência normal do nosso sucesso, vieram diversos convites para encontros internacionais, os quais eu encaminhava ao órgão oficial incumbido desta questão. Como "Amém" na Bíblia, a resposta constante era uma negação. Para mim era inaceitável, após um início tão brilhante, não poder continuar. De repente perdi a vontade, pois me ficou claro que nos tornavam impossível comparar o nosso trabalho com o das nossas colegas no resto do mundo.

Como eu não fazia ginástica somente como negócio não havia razão para continuar trabalhando para colher os chamados sucessos "papai e mamãe".

Eu meditava: a nossa ginástica já está bem difundida no país; se quiserem continuar, podem fazê-lo sem mim. Simplesmente não podia suportar mais o fato de ter que restringir meu trabalho, que conseguiu atingir um nível internacional, a permanecer no âmbito nacional.

Após muito pensar, organizei em fins de 1958 uma "demonstração de despedida", com a firme resolução de nunca mais trabalhar com uma equipe de elite no Brasil.

Começaram as férias de verão, sem planos para a ginástica, mas sim com uma preparação moral para uma vida serena no lar, no fogão e na limpeza. Já estava no ponto de trocar a minha literatura sobre ginástica por livros culinários e demonstrava a maior boa vontade de me transformar em uma boa dona de casa. Aí, fracassei! Mas, por favor, não interpretem erradamente, pois não foram os meus conhecimentos de dona de casa que fracassaram, mas sim o GUG, cujas crianças simplesmente ignoraram os meus tão bem preparados projetos.

Até hoje, desconheço se foi um plano de guerra preparado contra mim, ou melhor, a meu favor, que se sucedeu poucos dias antes do reinício das atividades. O telefone tocou e uma das minhas "belezinhas" me perguntou sem mais nem menos: Dona Ilona, quando recomeçamos? Comecei imediatamente a dar uma bronca, gritando tanto que o telefone tremia.

Alguns dias depois, uma voz suave me repetiu a mesma pergunta. Eu fiquei insegura, mas procurei manter a minha decisão. Para ser sincera, eu sentia um vazio, um enorme vazio dentro de mim, eu sentia saudades das minhas meninas, da nossa ginástica e como o grupo não desistisse, e simplesmente resolviam que iríamos reiniciar no dia 1º ou 15 de março, finalmente, capitulei. Admito ter ficado bem mais feliz com isto. Recomeçamos com o mesmo afinco o nosso trabalho, só que um pouco mais retraídas em nossa tática. Nós não mais sentíamos obrigadas a aceitar todos os convites a nós formulados, que na maioria das vezes só serviam para abrilhantar festas esportivas. Tornamo-nos exigentes, geralmente só mostrando nosso trabalho onde víamos proveito para a nossa ginástica ou quando o fazíamos pelo prazer da viagem. Assim aceitamos convites de Brasília, São Paulo, Belo Horizonte, Niterói, Vitória etc. DA Guanabara o que mais nos interessou foi o convite para a demonstração junto com a equipe olímpica alemã que aqui esteve em 10 de setembro de 1962.

Nós não temíamos fazer um mau papel ou que o nosso público fosse se envergonhar por nossa causa não porque fôssemos mascaradas, mas porque após a Gymnaestrada, conhecíamos o nosso valor. Estávamos contentes em ter uma ocasião para provar isto ao nosso pessoal. O sucesso foi enorme, não porque tivéssemos trabalhado mais, ou melhor, do que das outras vezes, mas sim porque o público podia comparar-nos com uma equipe estrangeira, principalmente sem do a equipe alemã.

Desta data em diante, conquistamos também a Guanabara. Para nós se tornou tradição participar dos Festivais Nacionais de Ginástica de São Paulo(1963, 1964, 1965, 1967), nos quais sempre éramos os números exponenciais, recebendo sempre a devida consagração.

Assim, continuamos trabalhando em plena harmonia e com interesse, mas sem grandes acontecimentos até o princípio do ano de 1964, quando somamos 62 demonstrações.

Então vieram dois convites que nos entusiasmaram bastante e nos tiraram da vida calma que levávamos. Foram eles:

1. Gymnaestrada, em Viena e

2. Brasilada, na Holanda, mais precisamente na cidade de Haga.

Como minhas brasileiras já haviam participado de uma Gymnaestrada, e eu de duas, sentimos muito atração magnética por participar desta festa mundial e passamos a viver o “eterno” desejo de estarmos presentes em Viena.

A isto se juntou o convite da Holanda (em 1964 já tinham me chamado), através da direção da Universidade de Haga, para que eu proferisse palestras e fizesse demonstrações com a minha equipe.

Não podíamos contar com um apoio financeiro, pois nesse sentido a III Gymnaestrada de Stuttgart, também, não nos tinha sido possibilitada. Assim, consideramos como sendo mais provável não nos dirigirmos a ninguém, mas sim nos viramos sozinhas, isto é, pagarmos nossas passagens do próprio bolso.

Todas tivemos que fazer grandes sacrifícios, tais como: economia nas compras para que a carteira ficasse mais grossa; economia nos doces, para que a figura ficasse mais fina; economia na preguiça, para que a boa forma permanecesse. Mas fazíamos isso com prazer e bom humor, pois todas queríamos alcançar, em conjunto, o mesmo objetivo. Nós desejávamos, além de representar a bandeira nacional, representar também a nossa própria bandeira, a bandeira que possuíamos e que amávamos, a grande e linda bandeira de seda: porém nossa bandeira, a mais bonita do mundo não era reconhecida oficialmente, pois o GUG ainda não era tinha uma existência jurídica.

Eu escrevi que nós fundamos o GUG e, 1956, mas, na verdade, havia sido um batismo, pois não tínhamos feito nada juridicamente que estivesse ligado à fundação de uma entidade. Oficialmente, pois, o GUG não existia, mas já era extra oficialmente conhecido em toda parte. Recebíamos convites em nome de GUG, apresentávamo-nos em todo o lugar sob este nome, tínhamos nossa bandeira e nossos escudos. Pois era chegada a hora de fazer do nosso GUG um “grupo milagroso” e oficial, e em 1964 isto foi providenciado.

Até julho de 1965 realizaram-se grandes preparativos. Provamos o nosso amor e idealismos pela ginástica, indo por conta própria para a Brasilada, na Holanda, e para a Gymnaestrada, em Viena, fomos: Lígia, Inge, Eliana, Nena, Daisy, Anita, Chiquita, Sônia, Eli, Judit, Lore, Luiza e Ilona⁹.

BRASILADA – HAGA – HOLANDA

A equipe partiu em grupos separados, para, conforme desejo de cada uma, saborear a velha Europa. Tínhamos, porém, o compromisso de treinar todos os dias no quarto do hotel, de não comer muitos doces, nem de namorar muito, além de nos encontrarmos, pontualmente, no dia e hora fixados, no hotel Amsterdam. Tudo deu certíssimo, ou melhor, o encontro no hotel,

⁹ Lígia Azevedo, Ingeborg Müller, Eliana Madeira, Nena ?, Daisy Barros, Anna Maria Peuker, Francisca Patrone, Sônia Nogueira, Eliana Nogueira, Judit Letsche, Lore ?, Luiza Ceccarelli e Ilona Peuker.

se as outras promessas foram cumpridas, eu não sei, não estava presente; mas uma coisa é certa: a figura e a forma de cada uma estava cem por cento!

Após ordens severamente cumpridas, como estas, houve grande revolta por parte da equipe quando logo na primeira noite fui jantar com o Reitor e o Vice-reitor da Universidade de Haga, deixando-as em casa e voltando bem tarde, pois a alegria do reencontro foi enorme, o Reitor fora inspetor técnico no tempo da minha vitória em Helsinqui com a equipe austríaca. Mas a vingança por parte do GUG não tardou. Elas me esperaram acordadas, se reuniram em meu quarto e não me deixaram em paz até que eu tivesse contado tudo. Assim são as minhas “belezinhas” e é por coisas como estas que tanto as aprecio.

No dia seguinte fomos para Haga e a Brasilada começou. Quatro dias inesquecíveis. Com ótimas demonstrações junto com a equipe holandesa da Gymnaestrada, com grande sucesso das brasileiras, com uma palestra minha, coma aula do Professor Van der Hoost, na qual minhas crianças não se sentiram nada bem, e, como revanche, a minha aula para as holandesas. Nós nunca esquecemos a gentileza e a hospitalidade delas e sempre nos lembraremos com prazer dos belos e alegres momentos passados em sua companhia.

Para minha grande alegria e surpresa, encontrei o Senhor Sommer, o fundador e pai da Gymnaestrada, durante um coquetel que foi oferecido pela Universidade, durante o intervalo da nossa primeira demonstração, e na qual se encontravam ainda o nosso embaixador com toda a sua família e funcionários. O Senhor Sommer já tinha se convertido em um entusiasta do meu trabalho, conhecido por ele durante a minha carreira na Áustria e comprovou-o também desta vez com a sua presença em todas as quatro demonstrações que realizamos, para onde, apesar de sua idade avançada (80 anos) sempre se deslocou – sua residência, embora próxima, ficava localizada em uma outra cidade.

A Brasilada foi uma boa e grande propaganda para a ginástica brasileira: continue assim GUG!

IV GYMNAESTRADA – VIENA – ÁUSTRIA

A Gymnaestrada de Viena foi um acontecimento monumental, com 15mil participantes de 42 países. Foi um espetáculo a maneira como a Áustria organizou um encontro mundial tão gigantesco. Na abertura, segundo os jornais, mais de 60mil assistentes saudaram os participantes.

Enormes ginásios de esportes tiveram que ser cedidos para este fim. A Standthale, onde nós também fizemos uma de nossas demonstrações, pôde receber, com seus três ginásios, 18 mil assistentes.

Os participantes teriam que ser alojados e alimentados, ser transportados, ter intérpretes. E tudo correu perfeito!

O nosso programa consistia em: dois arcos, sem aparelhos e uma série com uma e duas bolas. Não nos era desconhecido que o Brasil tinha op seu nome em ginástica, mas não contávamos com muita assistência, pois juntamente com a nossa, havia outras demonstrações em diversos outros locais e por isto o público se dividia. Nós nos enganamos redondamente. Alguns minutos antes da nossa apresentação, o ginásio encheu tanto que nós ficamos nervosas e quando quisemos entrar, a polícia teve que abrir caminho em meio à multidão para a passagem da nossa bandeira e equipe.

O GUG trabalhou brilhantemente, não perdeu nenhum aparelho, não perdendo nada, só o nervosismo; com controle e charme executou as suas séries. Um sucesso arrebatador, com lágrimas de emoção nos olhos de algumas participantes.

Da mesma maneira que o salão se havia enchido com a entrada da equipe brasileira, esvaziou-se com a sua saída. Desconcertava-me um pouco que a equipe seguinte a nossa não tivesse nem os jornalistas, nem o público que tivemos, mas é que todos corriam atrás da equipe brasileira, a nos elogiar, e com muitas perguntas e máquinas fotográficas.

Para o mundo técnico exterior nós confirmamos com sucesso o trabalho de real categoria que de nós esperavam e para os compatriotas, diplomatas e colegas do nosso país, fomos uma grande e agradável surpresa.

Não somente o sucesso nos ficará para sempre como uma bonita lembrança, pois também como viagem foram dias maravilhosos. Tudo correu sem problemas; formávamos uma pequena família, que tinha em Inge a chefe eleita pela delegação. Com muito bom humor, compreensão e amor com as outras resolvíamos todas as situações.

Eu tenho certeza de que nenhuma de nós se tenha arrependido do sacrifício financeiro que tenha feito para poder passar por este tempo maravilhoso na Europa. Ainda no mesmo ano, 1965, estivemos como já era tradicional, em São Paulo, participando da Festa Nacional da Ginástica, oportunidade em que fomos muito festejadas.

Não só São Paulo, como muitos outros estados, mandaram cartas de congratulação, na qual agradeciam pela propaganda que nós tínhamos proporcionado ao Brasil por intermédio do nosso trabalho no exterior. A Guanabara emudeceu. Por quê?

1966

O ano de 1966 tem que ser escrito com letras maiúsculas tanto na História do GUG como no da história da ginástica moderna no Brasil.

É o ano do I Festival de Ginástica Moderna da Guanabara. Como aconteceu? Novamente as minhas "belezinhas" foram as culpadas.

Nós trabalhávamos no nosso programa para o Festival Nacional de São Paulo quando ele foi cancelado, e não houve a festa. A equipe pensou: "nós temos um rico programa pronto, vamos mostrá-lo!" Eu não queria entrar no negócio pelo menos adia-lo por algum tempo, até o ano seguinte. Aí veio a ameaça da equipe do GUG: "agora ou nunca!" Senti-me presa, pois realmente tínhamos um programa completo. Mas um festival tem que ser organizado! Quem iria ajudar? E além do mais, mesmo com ajuda eu o conseguiria? Eu não tinha prática de organização. Graças a Deus, entretanto, logo colegas entusiasmados se ofereceram e após árduo trabalho, com grande sucesso, organizaram e realizaram no dia 26 de novembro, no Clube Sírio Libanês, o I Festival da Ginástica Feminina Moderna da Guanabara.

Ainda convidamos oito grupos a participar e eles apresentaram um bom trabalho. O GUG se apresentou com oito números, com eles preenchemos a segunda parte do programa.

Após desfile solene, o Festival foi aberto pelo presidente do CND (Confederação Nacional dos Desportos), General Eloy de Menezes. Tivemos um ótimo público que lotou as arquibancadas do ginásio, de tamanho médio, e que acompanhava com entusiasmo crescente cada número apresentado. Sem exagero podemos agora dizer que com este festival conseguimos finalmente conquistar a Guanabara.

O sucesso agrada e tem bom gosto; o ruim, muito ruim, é que ele nos traz muitas novas obrigações. Para nós não há mais uma maneira de parar, ao contrário, o trabalho nos vem de encontro, com uma avalanche de compromissos dos quais temos que dar conta.

1967

Neste ano completamos a nossa centésima demonstração. Realizada no dia 31 de agosto, em forma de um treino aberto ao público, no Colégio Bennett. Fizemos ainda quatro viagens ao interior do Brasil, nosso II Festival da Guanabara e tivemos participações no campeonato mundial de ginástica moderna, em Copenhagen.

Desta vez resolvemos realizar o nosso festival no Clube Municipal, cujo ginásio tem três a quatro mil lugares, isto é, o dobro do Sírio e Libanês. Eu me sentia mal com o pensamento de que não conseguiríamos assistência o bastante para lotar o local.

Meu medo não tinha fundamento: a luta por um lugar foi tão grande como no ano anterior. O trabalho feito foi muito bom e não ficou sem o sucesso merecido.

É necessário dizer que já realizávamos o nosso trabalho com três grupos: GUG, GOG (Grupo dos Organizadores do GUG) e GIG (o celeiro do GUG).

No dia 11 de novembro tivemos o nosso festival e no dia 12 de novembro partimos Daisy, Inge, Anita e eu para Copenhagen, via Hamburgo, para o Campeonato Mundial. Parece muito fácil, mas na verdade não o foi assim. Durante meio ano treinamos diariamente, em um ritmo maluco, as quatro séries individuais que já se tornaram difíceis para nós, porque estávamos

acostumadas a trabalhar em grupo. Eu preparava a Daisy e a Inge para competirem, mas como só a Daisy recebeu um apoio financeiro do estado, desaconselhei a Inge de uma participação ativa, pois além do mais ela não se encontrava bem de saúde. No dia 12 partimos em um cortejo maravilhoso: Daisy como atleta; Ilona como dirigente; Inge como observadora do CND (Confederação Nacional dos Desportos); e Anita como guia turística, fotógrafa e torcedora.

Daisy trabalhou bem e conseguiu notas satisfatórias. Anita e Inge tremiam como folhas de palmeiras e eu como sempre tentava me controlar, com isso me cresciam os cabelos brancos.

Como em todas as nossas viagens, também nessa poderíamos escrever um longo e alegre artigo, pois com este bando do GUG, por vezes, não sei o que mais se deva salientar: se a sua disciplina e conduta exemplares, o seu trabalho e seu humor, ou se a sua eterna maneira de "*enfant terrible*" com a qual me amolecem o coração.

1968

Eu já reclamava nos anos passados que o trabalho aumenta constantemente para nós. Neste ano aumentou mais ainda, com a classificação das ginastas.

Desta vez a idéia foi minha e eu não me arrependo que a tenham concretizado, pois acho interessante seguir o caminho da FIG (Federação Internacional de Ginástica) escolheu. Ela é o órgão internacional que tudo resolve. Principalmente o país é prejudicado quando se vai contra as suas normas ou quando as ignora. A FIG organiza a cada dois anos campeonatos mundiais da Ginástica Moderna e em Copenhagen foi realizado a sua terceira versão. Daí todos os países terem seus campeonatos nacionais; assim também o Brasil tem que ter os seus, ainda que porque nós possuímos um bom nível técnico.

Até 1967 a Federação de Ginástica não queria saber de nós, e mesmo a nossa filiação ela negou, o que horrorizou muitas pessoas. Hoje, porém, com suas novas tendências foram eles que não chamaram. Como sentisse o interesse da Federação sugeri a classificação como preparação para os futuros campeonatos. Ela foi realizada no dia 21 de setembro, com oitenta participantes.

Dez grupos e vinte e uma competidoras individuais se apresentaram. Foi mostrada uma ginástica limpa. Eu mesma estava satisfeita, não só porque o GUG se classificou na 1ª classe, tanto em grupo como nos individuais, como também porque as minhas "netas" trabalharam com tanta coragem e limpeza.

Aqui tenho que pronunciar o meu reconhecimento às dirigentes das equipes que tão bem conseguem transmitir a nossa ginástica. Parabéns à Sônia, Nena, Helena, Zuleica, Myriam e Letice!

A nossa ginástica já criou raízes no Brasil, o que provam igualmente os Jogos Estudantis. Em sua última versão a série obrigatória elaborada pela Sônia foi apresentada com um nível admirável por 42 equipes escolares.

Até agora, na data em que lhes escrevo estas linhas, já passamos por cento e onze demonstrações, com belas recordações. É um número elevado, mas ainda não temos o direito de descansar. Com todas as forças trabalhamos para o nosso 3º Festival da Guanabara, dia 23 de novembro de 1968, para o Sarau Internacional de Ginástica, dia 15 de novembro, e para a Festa Nacional de São Paulo, dia 30 de novembro. Não é brincadeira atender a todas estas demandas como amadoras, mas além do nosso amor e obrigação com a ginástica, os sucessos colhidos e as bonitas horas passadas juntas, como, por exemplo, as que passamos em Brasília este ano, nos dão força e ânimo para realizar o que sentimos ser nosso dever.

Retrocedendo e passando uma vista sobre o caminho brasileiro de minha carreira, devo confessar que estou satisfeita!

Não me arrependo de ter recusado o interessante convite do exterior que me foi oferecido na Gymnaestrada; não me arrependo de ter tido a coragem de começar com a Ginástica Moderna no Brasil; não me arrependo de não ter me deixado desanimar e curvar ante as adversidades que se apresentaram.

Não me arrependo porque acima de tudo tenho a grande alegria de sentir que a nossa ginástica venceu!

Ela não pode mais ser varrida do Brasil, principalmente se vocês, minhas queridas colaboradoras, mostrarem tanto interesse e sacrifício por ela no futuro como têm feito até agora.

Aqui termino. Chegou a hora em que vos ofereço estas linhas, como todo o meu amor e agradecimento, e ao mesmo tempo quero colocar em vossas mãos a minha ginástica tão amada, com a plena certeza de que vocês continuarão a servi-la, a amá-la e a engrandecê-la.

Ilona.